



A BARBÁRIE EM CAMPO

Breno Pauxis Muinhos*

* brenomuinhos@yahoo.com
Mestrando de Estudos Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPA.

RESUMO: O jornalista e escritor uruguaio Eduardo Galeano utiliza como cenário a América Latina em muitos de seus textos. Os assuntos traçam desde a política (fortemente discutida em *As Veias Abertas da América Latina*) do período colonial, passando pela devoção religiosa latino-americana, traçando heróis e vilões de nossa cultura, até reflexões críticas e apaixonadas sobre o futebol. E é sobre Literatura e barbárie, como categoria estética, que este trabalho se debruçará. Em *Futebol ao sol e à sombra*, tradução de Eric Nepomuceno, o premiado escritor uruguaio desvela as maravilhas do jogo e suas personagens, e as amarguras e maquinações políticas e comerciais que cercam a “festa pagã”. No presente artigo, as crônicas *As lágrimas não vêm do lenço*, *Os sacrifícios da festa pagã*, *Os cânticos do desprezo* e *O pecado de perder* serão os objetos de enfoque, nos quais irá se observar e analisar os elementos da barbárie e da crônica.

PALAVRAS-CHAVE: Eduardo Galeano; Literatura & Futebol; Literatura & Barbárie

ABSTRACT: The Uruguayan journalist and writer Eduardo Galeano uses Latin America as setting in many of his texts. The subjects are about the colonial period politic (especially in *As Veias Abertas da América Latina*), the Latin-American religious devotion, the heroes and the villains from our culture, and the critics reflections and passionate about football. It's about religious, Literature and football what this work will discuss. In *Futebol ao sol e à sombra*, Eric Nepomuceno translation, the awarded Uruguayan writer reveals the wonders of the game and its characters, the bitterness and commercial-politics machinations what are around the “pagan festival”. In this article, the chronicles *As lágrimas não vêm do lenço*, *Os sacrifícios da festa pagã*, *Os cânticos do desprezo* and *O pecado de perder* will be the focus object, where will observe and analyze the elements of barbarism and the chronic.

KEYWORDS: Eduardo Galeano; Literature & Football; Literature & Barbarism.

1. INTRODUÇÃO

Não são poucos os cronistas, comentaristas, narradores, estudiosos em geral que trabalham sobre a “metáfora da guerra” que se transfigura no futebol. Sejam os brados tradicionais das torcidas, os cânticos oficiais ou não de clubes e seleções, os emblemas, as flâmulas, as alcunhas de jogadores, as cores, os estádios, a história etc. Não obstante, algumas vezes a arte aborda as feridas e flagelos causados pelas batalhas, e, por vezes, consequentes triunfos advindos da assimilação do momento sôfrego. Como aponta Elcio Loureiro ao tratar de cinema:

O filme *O milagre de Berna*, dirigido pelo cineasta alemão Sönke Wortmann, estabelece a relação entre o triunfo da Seleção Alemã no Campeonato Mundial de Futebol de 1954, disputado na Suíça, e a reconstrução do país e da sociedade, arrasados tanto pelos doze anos de desmandos promovidos pelo regime nazista quanto pela destruição e consequente derrota na guerra, bem como pela política de ocupação e divisão do país frente aos impasses da chamada Guerra Fria.¹

A violência física, quase sempre, é o foco principal da atenção proposta; não somente a violência em campo, não se restringindo às duras jogadas ou lances desleais, mas também ao que se expõe nos embates entre os entusiastas do esporte: brigas de torcida, violência fora de campo; mortes. Porém, outro tipo de violência também se esmiúça no esporte:

ofensas étnicas, classistas, religiosas, políticas e regionais, todas estas formas de barbárie são sonoramente lembradas em campo – trazendo à tona rancores entre adversários que ultrapassam os limites do gramado, e estendem-se para torcida e além. Como aponta José Miguel Wisnik: “O futebol torna visível, de uma maneira que lhe é congenial, a entremeadada matéria (de que somos feitos) de estilos altos e baixos, reversíveis, contíguos e misturados.”² A inerência exposta será discutida com maiores detalhes nos tópicos posteriores ao abordar as crônicas propriamente.

Alguns registros de barbárie, de muitos outros, estão nas crônicas esportivas. Eduardo Galeano, escritor e jornalista uruguaio, em *Futebol ao sol e à sombra* (2009), tradução de Eric Nepomuceno, nos apresenta alguns registros da violência praticada no futebol. Foram selecionadas as crônicas *As lágrimas não vêm do lenço*, *Os sacrifícios da festa pagã*, *Os cânticos do desprezo* e *O pecado de perder*. Nas quatro crônicas, Eduardo Galeano aborda formas da barbárie que se expõe no futebol.

2. A CRÔNICA LITERÁRIA

Partindo de Antonio Candido (1992), a crônica seria um “gênero menor”. Para chegar a tal conclusão, afirma que o gênero está pouco presente, quando não está ausente de fato, dos compêndios de História da Literatura, com enormes listas de romancistas, dramaturgos e poetas canônicos.

2. WISNIK. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*, p. 103.

1. CORNELSEN. *Imagem e memória*, p. 429.

Entretanto, se de um lado a crônica é desprovida do elitismo do ponto de vista da “alta literatura”, por outro, ao estar afastada das “leituras canônicas”, a crônica está mais próxima do leitor; se aproxima de nós. Fato que ocorre, do ponto de vista do crítico literário, em virtude do gênero tratar comumente de assuntos cotidianos, corriqueiros numa estrutura formal de aparência livre, ao utilizar uma linguagem semelhante àquela do leitor:

Por meio dos assuntos, da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo o dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural.³

Essa dita “simplicidade” da crônica acaba por justificar que a abordagem dos assuntos construa-se de maneira familiar à realidade do leitor, visto que esses assuntos são tratados com uma linguagem de diálogo - amistoso ao destinatário -, portanto há uma tentativa de convencer aquele que leu; ao assimilar a matéria tratada pelo escritor.

Nas palavras de Antonio Candido (1992), há a ressalva de que os outros gêneros não são “superiores” à crônica, ou tão afastados da realidade do leitor, apenas os assuntos abordados por estes, a maneira como são construídos e a linguagem normalmente apresentadas são típicas de pressupostos

artísticos (o próprio leitor nota diferença do ato de iniciar a leitura de um romance e de uma crônica), o que nem sempre compõe o propósito do cronista. A crônica, normalmente, considera as relevâncias das “coisas miúdas” e as expressa sem as pompas da linguagem artística. Contudo, isto não a distancia da poesia e da verdade:

Ora, a crônica está sempre ajudando a estabelecer e restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas. Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas. Ela é amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas e também nas suas formas mais fantásticas, - sobretudo porque quase sempre utiliza o humor.⁴

A aproximação para com o público leitor, e seu cotidiano, não ocorre somente pela linguagem ou temática utilizadas, entretanto, também ao suporte que, comumente, viabilizou por muito tempo e continua a fazer a difusão do gênero, o jornal. Tal suporte dialoga, inevitavelmente, com a premissa assumida pelo autor. A partir de tais pressupostos, o cronista assume uma perspectiva diferente de outros literatos dispostos em gêneros propriamente artísticos. Logo, a crônica, a princípio, não tem pretensão de durar, uma vez que é veiculada em um suporte geralmente destinado ao descarte. Isso,

3. CANDIDO. *A crônica*, p. 13.

4. CANDIDO. *A crônica*, p. 14.

de certa maneira, tira-lhe a preocupação e a familiariza com os leitores. É notório expor que a crônica passará a outros suportes, chegando ao suporte livro, dentre diversos motivos, seja por vontade de seus criadores, seja por iniciativas de editores.

Jorge de Sá (1987) propõe ser necessário perceber a diferenciação que a crônica aos poucos assume se comparada aos outros gêneros literários. Para o estudioso, a crônica vai ganhando, no decorrer do século XX, uma identidade mais cada vez mais literária. Todavia, por mais que assemelhe a crônica de outros gêneros literários de fato, Jorge de Sá (1987) assinala que em outros gêneros, como o conto, o autor elabora personagens, cenário, tempo e atmosfera para sua composição, diferente do que ocorre com a crônica, pois esta se apresenta de forma mais solta, haja vista que o fato apresentado não é exposto por um narrador, que algumas vezes é uma personagem, e sim por um repórter. Tal fato faz o crítico considerar a crônica como um gênero jornalístico que pode ser recoberto de características literárias. Enfatiza que a crônica deve relatar de forma detalhada e mais próxima de como ocorreram os ventos descritos nesta, ou ser fiel ao momento circunstancial de sua produção: “seu relato é, assim, fiel às circunstâncias, onde todos os elementos se tornam decisivos para que o texto transforme a pluralidade dos retalhos em uma unidade bastante significativa. [...] Essa

concretude lhes assegura, e lembra aos leitores que a realidade – conforme a conhecemos, ou como é recriada pela arte – é feita de pequenos lances”.⁵

Tal afirmação encontra semelhança ao que Angélica Soares (2006) explica que a crônica é um gênero inevitavelmente ligado ao tempo, ou, melhor, ao seu tempo; como sugere as origens de seu próprio nome: crônica deriva de *chrónos*, do grego, que significa tempo. Seria um registro que está marcado pelo tom circunstancial do gênero que registra o imaginário coletivo nas suas mais diversas manifestações cotidianas. Portanto, apesar das limitações já mencionadas, o cronista tem certa liberdade ao lidar com seu texto, principalmente quando dá ênfase a sua capacidade literária: “polimórfica, ela se utiliza afetivamente do diálogo, do monólogo, da alegoria, da confissão, da entrevista, do verso, da resenha, de personagens reais, de personagens ficcionais..., afastando-se sempre da mera reprodução de fatos. E enquanto literatura, ela capta poeticamente o instante, perenizando-o”.⁶

Logo sua versatilidade acaba por ser a primazia do gênero, sem perder de vista que, ainda se tratando de fragmentos de opiniões, a crônica nunca se propõe a registrar a totalidade do ocorrido, mas sim a dar qualidade e facilidade na exposição de determinada opinião emitida pelo cronista que a constrói: utilizando o discurso jornalístico e as formas literárias.

5. SÁ. *A crônica*, p. 6.

6. SOARES. *Gêneros literários*, p. 64.

3. O SOL E A SOMBRA DA BOLA

O livro *Futebol ao sol e à sombra* (2009) celebra e denuncia. Publicado na metade dos anos 90, a obra de Eduardo Galeano fez uso de um vasto material das mais diversas fontes. Desde testemunhos de jogadores a recortes de jornais que tratavam dos eventos esportivos. A crítica às mazelas presentes no futebol é tão crucial na composição do livro quanto a elevação de feitos promovidos pelo esporte: resistência e decadência, heroísmo e barbárie. Eduardo Galeano trata de personagens essenciais ao futebol: a bola, o estádio, o árbitro, o jogador, o torcedor. Constantemente há paralelos com outras manifestações culturais:

Quando termina a partida, o torcedor, que não saiu da arquibancada, celebra *sua* vitória, *que goleada fizemos, que surra a gente deu neles*, ou chora *sua* derrota, *nos roubaram outra vez, juiz ladrão*. E então, o sol vai embora, e o torcedor se vai. Caem as sombras sobre o estádio que se esvazia. Nos degraus de cimento ardem, aqui e ali, algumas fogueiras de fogo fugaz, enquanto vão se apagando as luzes e as vozes. O estádio fica sozinho e o torcedor também volta à sua solidão, em um eu que foi nós; o torcedor se afasta, se dispersa, se perde, e o domingo é melancólico feito uma quarta-feira de cinzas depois da morte do carnaval.⁷

A disputa e o fervor compõem elementos essenciais nas produções artísticas sobre o esporte. O jogo, “a festa pagã”,

como proposto por Johan Huizinga (2010), por si carrega uma diversidade de elementos que foram entrelaçados aos mais variados aspectos culturais, dentre eles o símbolo sacro:

A representação sagrada é mais do que uma simples realização de uma aparência é até mais do que uma realização simbólica: é uma realização mística. Algo de invisível e inefável adquire nela uma forma bela, real e sagrada. Os participantes do ritual estão certos de que o ato concretiza e efetua uma certa beatificação, faz surgir uma ordem de coisas mais elevada do que aquela em que habitualmente vivem. [...] É executada no interior de um espaço circunscrito sob a forma de festa, isto é, dentro de um espírito de alegria e liberdade. Em sua intenção é delimitado um universo próprio de valor temporário. Mas seus efeitos não cessam depois de acabado o jogo; seu esplendor continua sendo projetado sobre o mundo de todos os dias, influência benéfica que garante a segurança, a ordem e a prosperidade de todo o grupo até à próxima época dos rituais sagrados.⁸

As paixões não se encerram nas “quatro linhas” do campo. A “festa pagã” seria muito mais que o jogo e suas regras, mas também todo o ritual, a “missa da bola,” que se desenrola durante uma partida de futebol: “o jogo e a festa oferecem uma excelente oportunidade de se experimentar novas possibilidades de ser e agir que dificilmente poderiam ser

7. GALEANO. *Futebol ao sol e à sombra*, p. 15.

8. HUIZINGA. *Homo ludens*, p. 17.

9. RETONDAR. *Futebol e sociedade*, p. 111.

expressas em condições “normais” da vida. Daí o fato de o jogo e a festa poderem ser apropriados como um rito que em determinado momento faz a passagem do mundo real para o mundo imaginário”.⁹

Apresentados os aspectos do formato do gênero e do ritual que o futebol insinua, observa-se também o saudosismo presente nas crônicas que abordam jogadores e eventos anteriores ao nascimento do cronista, bem como também sua infância. Sempre ocorre a relação entre o que poderia ter sido e o como fora.

Jogadores como Pelé e Maradona são apresentados como personagens emblemáticas na construção do sublime no futebol latino-americano, a resistência de jogadores advindos de minorias, os clubes e seleções que eram, e são, representações de resistência, os espaços de disputa, são focos do simbolismo das luzes, ou sol do futebol. As sombras ficam por conta da elitização, da exclusão, da manipulação de resultados, das trapaças que o esporte também foi condenado a ter. A violência e, por conseguinte, a barbárie, serão alvos no tópico posterior.

4. REGISTROS DA BARBÁRIE

A barbárie como categoria estética se esmiúça em muitas obras que tratam de massacres históricos e individuais. Desde o romance *Germinal*, de Zola, ao trabalho

narrativo-memorialístico (que muitas vezes lembra uma crônica) *É isso um homem?*, de Primo Levi, a barbárie, unida ao grotesco e à decadência, transborda o cerne da temática e atinge a linguagem – permeando a Literatura da categoria citada.

Ao refletir sobre o despojo, também como categoria estética, é inevitável que não o relacione com os troféus arrebatados em competições esportivas e à violência manifestada tantas vezes nas arquibancadas, onde faixas de torcidas contrárias são arrancadas e torcedores rivais mortos são contatos como trunfos.

Nas crônicas selecionadas para reflexão, Eduardo Galeano nos expõe como tal categoria foi assimilada no futebol e como se difunde dentro e fora dos estádios. Começemos por *As lágrimas não vêm do lenço*:

O futebol, metáfora da guerra, pode transformar-se, às vezes, em guerra de verdade. [...] Em nosso tempo, o fanatismo do futebol invadiu o lugar que antes estava reservado somente ao fervor religioso, ao ardor patriótico e à paixão política. [...]

Há quem creia que os homens possuídos pelo demônio da bola soltam espuma entre os dentes, e deve-se reconhecer que desta forma retratam bastante bem a vários torcedores enlouquecidos; mas até os críticos mais indignados teriam que admitir que, na maioria dos casos, a violência que desem-

boca no futebol não vem do futebol, assim como as lágrimas não vêm do lenço.

Em 1969, explodiu a guerra entre Honduras e El Salvador, dois países centro-americanos pequenos e muito pobres que há mais de um século vinham acumulando rancores mútuos. [...] Os hondurenhos não tinham trabalho? Porque os salvadorenhos vinham tirá-lo. Os salvadorenhos passavam fome? Porque os hondurenhos os maltratavam. Cada povo acreditava que seu inimigo era o vizinho, e as incessantes ditaduras militares de um e outro país faziam o possível para perpetuar o equívoco.

[...] Durante as eliminatórias para o Mundial de 70, começaram as confusões. Houve brigas, alguns mortos, uns quantos feridos. Na semana seguinte, os dois países romperam relações. Honduras expulsou cem mil camponeses salvadorenhos, que trabalhavam desde sempre nos plantios e colheitas daquele país, e os tanques salvadorenhos atravessaram a fronteira.

A guerra durou uma semana e matou quatro mil pessoas. [...] Em Tegucigalpa, a palavra de ordem era: *Hondurenho: toma um lenho, mata um salvadorenho*. Em San Salvador: *É preciso dar uma lição nesses bárbaros*.

Os senhores da terra e da guerra não derramaram uma gota de sangue, enquanto os dois povos descalços, idênticos em sua desdita, vingavam-se ao contrário matando-se entre si com patriótico entusiasmo.¹⁰

Na crônica, a “guerra campal”, evidenciada tantas vezes, é relacionada a um evento histórico. Galeano aponta os eventos da “guerra do futebol”, como ficou conhecido, o confronto entre os exércitos de dois países economicamente pobres e geograficamente “diminutos” da América Latina: El Salvador e Honduras. Sem perder de vista a utilização do futebol como pretexto para barbáries cometidas por meio deste. Aparente motivo para a violência reitera-se, pois o cronista também levanta as mazelas históricas às quais as nações eram submetidas, assim minimamente defende, ainda que critique o esporte. Portanto, ao não deixar sair de foco, o uso deste se verifica como pressuposto de maquinações de estados ditatoriais.

Em *Os sacrifícios da festa pagã*, a crônica expõe a “organização” de torcidas que geram pânico, semeiam a violência e celebram a barbárie:

Em 1985, os *hooligans*, fanáticos ingleses de triste fama, mataram trinta e nove torcedores italianos nas grades do velho estádio Heysel, em Bruxelas. O Liverpool estava disputando a final da Copa da Europa com o Juventus, da Itália, quando os *hooligans* atacaram. Os italianos, encurralados contra um muro, caíram esmagando-se uns aos outros ou foram lançados ao vazio. A televisão transmitiu ao vivo a carnificina e também transmitiu a partida, que não foi suspensa.

10. GALEANO. *Futebol ao sol e à sombra*, p. 129.

[...]

Um século antes, em 1890, advertia o jornal londrino *The Times*: “Nossos *hooligans* vão de mal a pior, e o pior é que se multiplicam. Eles são uma excrescência monstruosa de nossa civilização”. Em nossos dias, essa excrescência continua dedicando-se ao crime, usando o futebol como pretexto.

Onde os *hooligans* aparecem, semeiam o pânico. Levam o corpo tatuado por fora e cheio de álcool por dentro, diversos trastes patrióticos pendurados no pescoço e nas orelhas, usam manoplas e cacetes e transpiram violência a jorros enquanto uivam *Rule Britannia* e outros rancores do Império perdido. Na Inglaterra e em outros países, os brigões também ostentam, com freqüência, símbolos nazistas, e proclamam seu ódio aos negros, aos árabes, aos turcos, aos paquistaneses ou aos judeus.

- *Vão para a África!* - rugia um ultra do Real Madri, que se divertia espancando negros “porque vieram tomar o meu trabalho”.

Com o pretexto do futebol, os *naziskins* italianos vaiam os jogadores negros e chamam os torcedores inimigos de judeus:

- *Ebrei!* - gritam.

Mas as turmas da pesada, que ofendem o futebol como o bêbado ofende o vinho, não são um triste privilégio europeu.

[...]

Em 1993, Jorge Valdano calculava que nos últimos quinze anos tinham morrido mais de cem pessoas, vítimas da violência, nos estádios argentinos. [...] As galeras pesadas se nutrem, em todas as partes, de jovens atormentados pela falta de trabalho e de esperança. Uns meses depois dessas declarações o Boca Juniors, de Buenos Aires, foi derrotado por 2 a 0 pelo River Plate, seu adversário tradicional. Na saída do estádio, dois torcedores do River caíram mortos a tiro. “Empatamos por dois a dois”, comentou um rapaz, torcedor do Boca Juniors, que a televisão entrevistou.

[...]

Nos estádios de futebol, a tragédia que atingiu mais vítimas foi a de 1964, na capital do Peru. Quando o árbitro anulou um gol, nos minutos finais de uma partida contra a Argentina, choveram laranjas, latas de cerveja e outros projéteis das arquibancadas ardentes de fúria. As bombas de gás e os tiros dos policiais provocaram, então, uma fuga desesperada. A carga policial esmagou a multidão contra os portões de saída, que estavam fechados. Houve mais de trezentos mortos. Naquela noite, uma multidão protestou nas ruas de Lima: a manifestação protestou contra o juiz, não contra a polícia.¹¹

É notório que hoje ainda tenhamos fatos assim, e na crônica está claro que tais fatos não estão somente frequentes na vida de nações pobres. O racismo e o preconceito são ferramentas essenciais na difusão da barbárie e do ódio. Ainda que descreva fatos das nações europeias, sempre há

11. GALEANO. *Futebol ao sol e à sombra*, p. 159.

um espaço considerável para tratar de eventos latino-americanos. As barbaridades relatadas no Peru e na Argentina têm igual consistência com a reação alienada da torcida: que urge contra o árbitro e não contra a brutalidade policial, ou a falta de preparo do estado.

Em *Os cânticos do desprezo* é evidenciada, mais uma vez, a barbárie que parte das arquibancadas:

Não figura nos mapas, mas existe. É invisível, mas existe. Há uma parede que ridiculariza a memória do Muro de Berlim: levantada para separar os que têm dos que necessitam, ela divide o mundo inteiro em norte e sul, e também traça fronteiras dentro de cada país e dentro de cada cidade. Quando o sul do mundo comete a ousadia de saltar esse muro e se mete onde não deve, o norte lhe recorda, a pauladas, qual é o seu lugar. E o mesmo acontece com as invasões de cada país e de cada cidade a partir das zonas malditas.

O futebol, espelho de tudo, reflete esta realidade. Em meados dos anos oitenta, quando o Nápoles começou a jogar o melhor futebol da Itália, graças ao influxo mágico de Maradona, o público do norte do país reagiu desembainhando as velhas armas do desprezo. [...] Das arquibancadas dos estádios de Milão ou de Turim, os cartazes insultavam: *Napolitanos, bem-vindos à Itália*, ou exerciam a crueldade: *Vesúvio, contamos contigo*.

E com mais força do que nunca ressoaram os cânticos filhos do medo e netos do racismo:

*Que mal cheiro,
até os cães fogem,
os napolitanos estão chegando.
Oh coléricos, terremotados,
com sabão nunca lavados.
Nápoles merda, Nápoles cólera,
és a vergonha de toda a Itália.*

Na Argentina, acontece o mesmo com o Boca Juniors. O Boca é o time preferido pela pobreza de cabelo eriçado e pele morena que invadiu a senhorial cidade de Buenos Aires, em rajadas vindas dos macegais do interior e dos países vizinhos. As torcidas inimigas exorcizam o temido demônio:

*Já todos sabem que o Boca está de luto,
são todos negros, são todos putos.
Deve-se matar os bostas,
são todos putos, todos caipiras,
que precisam ser jogados no Riachuelo.¹²*

Os cânticos das torcidas ressoam como hinos populares. Na Itália, como visto na crônica, o preconceito regional e classista expõe-se no estádio, onde o clube Nápoles fora insultado pelos torcedores dos times das elites, e tinha um jogador

12. GALEANO. *Futebol ao sol e à sombra*, p. 170.

argentino como principal protagonista. Na Argentina, o preconceito é exposto contra o Boca Juniors, time considerado popular. Em ambos os casos nota-se a barbárie no apelo à morte – clamando por terríveis eventos: o vulcão na Itália e a ditadura argentina.

Fora do campo e do estádio, a crônica *O pecado de perder* nos traz comparações de eventos brutais no futebol e a esfera social:

[...] Com a pelota no pé e as cores pátrias no peito, o jogador que encarna a nação marcha para conquistar glórias em longínquos campos de batalha. Na volta, o guerreiro vencido é um anjo caído. [...]

Somos porque ganhamos. Se perdemos, deixamos de ser. [...]

No futebol, como em tudo o mais, é proibido perder. Neste fim de século, o fracasso é o único pecado que não tem redenção. Durante o Mundial de 94, um punhado de fanáticos queimou a casa de Joseph Bell, o goleiro derrotado de Camarões, e o jogador colombiano Andrés Escobar caiu crivado de balas em Medellín. Escobar tinha tido o azar de fazer um gol contra, tinha cometido um imperdoável ato de traição à pátria.

Culpa do futebol, ou culpa da cultura do sucesso e de todo o sistema de poder que o futebol profissional reflete e integra? [...] Não é por acaso que o assassinato de Escobar tenha ocor-

rido num dos países mais violentos do planeta. A violência não está nos genes do povo colombiano, povo que festeja a vida, louco por alegrias musicais e futebolísticas, que sofre a violência como doença, mas não a leva como marca indelével na testa. O sistema de poder, ao contrário, é sim um fator de violência: como em toda a América Latina, suas injustiças e humilhações envenenam a alma das pessoas, sua escala de valores recompensa quem não tem escrúpulos e sua tradicional impunidade estimula o crime e ajuda a perpetuá-lo como costume nacional.

Uns meses antes de começar o Mundial de 94, difundiu-se o relatório anual da Anistia Internacional. Segundo a Anistia, na Colômbia “centenas de pessoas foram executadas extraoficialmente pelas forças armadas e seus aliados paramilitares em 1993. A maioria das vítimas das execuções extrajudiciais eram pessoas sem relações políticas conhecidas”.

O relatório da Anistia Internacional também denunciou a responsabilidade da polícia colombiana nas operações de limpeza social, eufemismo que encobre o extermínio sistemático de homossexuais, prostitutas, drogados, mendigos, doentes mentais e meninos de rua. A sociedade os chama de descartáveis, que é como dizer: lixo humano que merece a morte.

Neste mundo que castiga o fracasso, eles são os perdedores de sempre.¹³

13. GALEANO. *Futebol ao sol e à sombra*, p. 192.

O mundial de 94, realizado nos EUA, foi de grande difusão internacional. Os eventos relatados foram noticiados em larga escala; a fatalidade que acometeu o jogador Andrés Escobar foi um dos maiores.

No Brasil, a necessidade de vencer o campeonato mundial era flagrante, ao ponto de não necessitar-se mais de um estilo brasileiro de jogo, como afirmar Marcos Guterman (2010): “Não havia nada de ‘brasileiro’ nisso, mas as preocupações com ‘brasilidade’, como se sabe já haviam se tornado coisa do passado. [...] Àquela altura, o importante parecia somente ganhar o tetracampeonato”¹⁴. A “cultura do sucesso” já havia se imposto fortemente no futebol.

O cronista relata os fatos e posteriormente relaciona o jogador ao herói nacional, mas que se torna um vergonhoso estandarte se voltar derrotado. Em seguida, Galeano defende o povo colombiano, a violência, e portanto a barbárie, não seria própria de sua cultura, mas todo tormento ancestral passado e a opressão ainda vivida. Então, aponta outro dado, ocorrido, pouco antes da copa de 94: o assassinio de pessoas consideradas “descartáveis”. Em um contexto excludente, os párias não teriam vez alguma aos direitos fundamentais.

A obra *Futebol ao sol e à sombra* (2009) aborda ídolos, vilões, párias e fatos que permeiam o espetáculo esportivo, contudo, neste trabalho, parte de sua “sombra” foi privilegiada – dentre

tantas que merecem atenção também -, com o forte intuito de ressaltar, não somente em defesa do futebol, as mazelas político-sociais que no esporte se proliferam, principalmente em espaços ricos de produção cultural. É notório que ações diversas, de meios governamentais a artísticos, surjam para coibir que tristes fatos assim se repitam, contudo, o texto do cronista parece-nos bem atual, quando eventos lamentáveis assim se repetem; e a barbárie se concretiza. Em tempos como estes, reivindicar notoriedade para o que se esconde, não é percebido ou é ocultado, assume um pináculo fundamental nas discussões de obras que trazem tais temáticas afins. Sempre sem perder o foco da complexidade que o futebol junto à cultura e, portanto, à Literatura carrega.

REFERÊNCIAS

- CANDIDO, Antonio. *A Vida ao Réis-do-Chão. A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas/Rio de Janeiro: Editora Unicamp, 1992.
- CORNELSEN, Elcio Loureiro. *Imagem e Memória em torno de Futebol e Política no Cinema*. In VIEIRA, Elisa Moreira Amorim, SELIGMANN-SILVA, Márcio e CORNELSEN, Elcio Loureiro. **Imagem e memória**. Belo Horizonte: Editora FAE/UFMG, 2012, p. 429-442.
- GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Eric Nepomuceno e Maria do Carmo Brito. 3ª edição. Porto Alegre: Editora L&PM Pocket, 2009.

14. GUTERMAN. *O futebol explica o Brasil*, p. 243.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil**: Uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**. João Paulo Monteiro. 6ª edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 2010.

RETONDAR, Jeferson José Moebus. A dimensão sagrada do jogo e da festa: o corpo na dimensão sagrada do numinoso. In: LOVISARO, Martha, e NEVES, Leczy Consuelo. **Futebol e sociedade**: um olhar transdisciplinar. Rio de Janeiro: Eduerj, 2005, p. 105-115.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. 3ª edição, São Paulo: Ática, 1987 [Série Princípios, 5].

SOARES, Angélica. **Gêneros literários**. 6ª edição, São Paulo: Ática, 2006 [Série Princípios, 166].

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio**: o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.